

LITERATURA DE CORDEL COMO INCENTIVO À LEITURA¹

Edinan Santos Cerqueira
Érica Carvalho Bittencourt dos Santos
Lígia Bispo
Lívia Bispo
Rebeca da Silva Lima

RESUMO: A literatura de cordel é uma das formas de cultura mais interativas na realidade do brasileiro. Num país onde os índices de leitura são muito baixos, esta é uma maneira de atrair e seduzir os jovens e adolescentes a se apaixonarem pelo mundo das letras. Com método bibliográfico o objetivo deste relatório de pesquisa é mostrar a importância do cordel como incentivo ao gosto da leitura no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Cordel. Cultural. Incentivo. Leitura.

INTRODUÇÃO

Visando atribuir valores à literatura de cordel em nosso meio, seus benefícios para a promoção da literatura e incentivo à leitura, a proposta é fazer compreender que a arte do cordel pode influenciar de maneira significativa o aprendizado.

Isso é perceptível conforme a diversidade de assuntos e temas que são abordados nas historinhas de cordel, principalmente fatos sociais (realidade vivida no cotidiano), política, acontecimentos históricos etc.

Além da prática da leitura e exercício da literatura, o cordel representa uma forma de expressão popular através da cultura tornando-se tradicionalmente Nordestino em sua identidade já que seu desenvolvimento se deu nessa região com a chegada dos portugueses ao país na era da colonização e também por uma filosofia didática a partir no momento que facilita o pensamento para aprendizagem.

Visando atribuir valores à literatura de cordel em nosso meio, seus benefícios para a promoção da literatura e incentivo à leitura, a proposta é fazer compreender que a arte do cordel pode influenciar de maneira significativa o aprendizado.

¹ Trabalho de pesquisa do Eixo de Formação Geral apresentado às disciplinas de estudos Socioantropológicos e Filosofia, Ética e Cidadania do Curso de Letras, da Universidade Católica do Salvador – UCSal. Orientadores: Prof. Velda Torres e Prof. Ricardo Cruz.

Isso é perceptível conforme a diversidade de assuntos e temas que são abordados nas historinhas de cordel, principalmente fatos sociais (realidade vivida no cotidiano), política, acontecimentos históricos etc.

Além da prática da leitura e exercício da literatura, o cordel representa uma forma de expressão popular através da cultura tornando-se tradicionalmente Nordestino em sua identidade já que seu desenvolvimento se deu nessa região com a chegada dos portugueses ao país na era da colonização e também por uma filosofia didática a partir no momento que facilita o pensamento para aprendizagem.

Segundo Sacconi (2003, pg. 427), literatura é “conjunto dos trabalhos ou produções [...] em prosa e verso de um país ou uma época, valiosas pela sua beleza e forma (em contraposição a obras técnicas e de jornalismo)”. Outra vertente é a exposta por Tersariol (1966, p.59), ao definir que o termo Cordel vem da palavra ou verso cordear, tendo o mesmo sentido de limar, medir, tecer, traçar, lapidar. Contudo, a definição mais aceita é que a palavra cordel está ligada a definição da estrutura de comércio montada em meados da Idade Moderna na nação lusa, quando eram pendurados cordões durante as exposições, chamados de “cordéis”. Foi assim que esta palavra surgiu pela primeira vez, pois teve outros nomes até esse ser firmado, durante o século XIX, num dicionário de Francisco Caldas publicado em 1881 (Origens da Literatura de Cordel, 2011).

Ainda ressaltando sua parte histórica, a palavra cordel está ligada a definição da estrutura de comércio montada no durante a Idade Média, em Portugal, quando eram pendurados cordões, assim como os postos nos dias atuais, durante as exposições nas feiras antigas que tinham na Europa, conhecidas como ágoras. Esses cordões eram chamados de “cordéis”, sendo, portanto, nesse período que o termo cordel surgiu para expressar esta arte. O nome surgiu como forma de associação a maneira que era posto ao público. O termo foi firmado, durante o século XIX, num dicionário de Francisco Caldas publicado em 1881 que a definição específica não foi encontrada até a conclusão desta pesquisa

Desde então o termo vem apresentando variações de sua definição, mas reconhecendo o valor criativo/imaginativo dessa narrativa. No dicionário Sacconi (2003, p. 59) a literatura de cordel é inserida como “conjunto dos trabalhos ou produções [...] em prosa e verso de um país ou uma época, valiosas pela sua beleza e forma (em contraposição a obras técnicas e de jornalismo)”.

A Literatura de Cordel é uma cultura que teve origem na Europa. Os prováveis países onde esta maneira de se expressar a arte tenha nascido são Portugal e França, quando falamos em Idade Média ou Moderna, pois estudos ainda mais aprofundados, fazem menção a uma possibilidade do surgimento na História Antiga (Origens da Literatura de Cordel, 2011).

Há divergências quanto às datas certas de surgimento, as mais concretas probabilidades são entre França do século XII, em seu período da chama Baixa Idade Média (momento histórico que foi vivido entre os séculos XI e XIV/XV) e num outro instante denominado de Renascimento (difundido na Itália em por volta de 1300 e expandido para todo continente europeu nos séculos XV e XVI), na região sul daquele país. Já a outra vertente é, como já dito anteriormente, oriunda de Portugal, com prováveis estudos iniciados entre os séculos XVI ao XVIII (período que se consagravam as novas descobertas e o planeta era desbravado por grandes navegações, chamado de Idade Moderna). (Origens da Literatura de Cordel, 2011)

Ali mesmo, o cordel passou a ser chamado ou conhecido como “Literatura de cego”, devido a uma lei promulgada pelo rei Dom João V, autorizando a venda e proliferação dos folhetos na Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa (na Idade Moderna, em por volta de 1700, o então regente possuía uma instituição ligada à Igreja Católica que tinha por meta cuidar dos deficientes visuais). Com isso, uma das medidas encontradas para que pessoas com deficiência aprendessem a ler foi o incentivo através da Literatura de Cordel.

Porém, se crê que o surgimento seja realmente francês, onde peregrinos se encontravam com intuito de ir a cidade antiga cidade da Palestina, no norte da Itália, tentando chegar a Roma e/ou na Galícia no Santuário de Santiago (Origens da Literatura de Cordel, 2011). Temos como exemplo a Espanha e países que usufruem desta língua como: Argentina, México, Peru e Nicarágua também usam do Cordel para os mesmos fins, geralmente protestar ou expor suas realidades nos locais onde o escritor ou a população é(são) advindo(s) (Origens da Literatura de Cordel, 2011). Já na Alemanha, o cordel também caiu no gosto de seus habitantes, tendo como conteúdos geralmente prosas. Expressos em tipografias e vendidos em inúmeros locais como: feiras, universidades, colégios, quermesses etc.

Na Holanda o cordel serviu como mais um meio de informação, assim como hoje temos: internet, televisão, rádio, revistas etc., pois ele circulava pela cidade com a finalidade de informar sobre os negócios e colônias da Holanda pelo mundo. Nesse sentido, o poeta, e colunista do site Interpoética, Meca Moreno ressalta que:

Há comprovação de que na Holanda do século XVII havia os chamados panfletos holandeses, os quais versavam diferentes temas, inclusive sobre o Brasil, como política, economia e temas militares ou pessoais. Sendo a maioria em prosa, com diálogos entre personagens, com variável quantidade de páginas, podendo ser de apenas uma, ou como a maioria, variando de dez a vinte páginas (Origens da Literatura de Cordel, 2011).

Com tudo isso, os holandeses mantinham a sua população informada de tudo que ocorria em suas diversas colônias espalhadas pelo Mundo. Uma atitude que além de informativa era muito vangloriada pela nação, afinal, a briga pelo comércio de especiarias só traria ainda mais lucros aos cofres do país.

Aprofundando um pouco mais na História, convém ressaltar que:

Os registros históricos levam-nos a concluir que a literatura de cordel, trazida ao Brasil pelos portugueses e espanhóis, tem berço em lugares e tempos mais distantes, como os países da Península Arábica, que atualmente tem sua divisão política composta por Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Emirados Árabes Unidos, Qatar e Bahrein, além dos países da África do Norte que compõem o chamado Magreb, composto por Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Saara Ocidental e Mauritânia. Além de Egito, Síria e outros mais, totalizando hoje 22 países. Depois a própria Península Ibérica, atualmente composta por Portugal, Espanha, Andorra e Gibraltar (território inglês). [...] Na península Ibérica, com o passar dos anos (quase oito séculos) o vocábulo mouro passou a ser extensivo a todos os povos árabes. Encontramos evidências do cordel na Alemanha dos séculos XV e XVI; França e Inglaterra, entre os séculos XVI e XVII; Portugal e Espanha, ainda depois da reconquista territorial cristã, para a partir dali, impressos ou em manuscritos, acompanharem as caravelas para as colônias, como é o nosso caso.

Essas civilizações citadas acima são das pioneiras no uso da leitura e da matemática, ou seja, da antiga tecnologia de informação. Tudo isso, só vem para reforçar a ideologia exposta de que esta forma de literatura, além de cultural, é extremamente informativa e incentivadora no processo de alfabetização, palavra-chave para os fins educacionais. O processo de memorização é um dos pontos fortes da Literatura de Cordel, pois geralmente a apresentação das poesias ou canções vêm em textos grandes a serem declamados ou contados pelo orador.

Na literatura histórica, tomando como partida a Mitologia Grega, costuma se associar a memória a deusa Mnemosine. Na antiguidade histórica (a qual se inicia na chamada

“Revolução Urbana”, com o surgimento das primeiras civilizações e principalmente da escrita – 4.000 a.C. – e tem seu término com o fim do Império Romano do Ocidente – em 476 d.C.), por hábito diz-se que a civilização grega tem seu início em por volta de 2.000 a.C.. Conhecido como o primeiro grande nome da Literatura, Homero, escritor de *Ilíada* e *Odisseia*, segundo a história, foi um dos principais companheiros da deusa.

Naquela época era normal que a população se reunisse em Ágoras (os grandes centros de comércio existentes nas localidades daquele período, neste caso, em Hélade – antigo nome da Grécia) para realizar suas negociações. Lá encontravam-se os poetas rapsodos (poetas que contavam aventuras em todos os lugares do mundo, sendo assim, a grande maioria, frutos da sua imaginação), que costumavam ter sempre a atenção do público, estar em um local alto quanto ao solo e ter sua taça de vinho sempre cheia, – deus do vinho é Baco, por isso também se diz que a companhia era sempre dele e de Mnemosine – para assim fabular as histórias frutos da parceria entre deuses, contador e audição popular.

Para a Filosofia, a Memória é sinônimo do pensamento, e, sendo assim, este é visto como a manifestação do conhecimento, que busca sempre a verdade, mas para isso, algumas metas devem ser estabelecidas para que esse objetivo possa ser atingido. Tendo como base esse raciocínio, Aranha e Martins (1988, p. 56-57) trazem a seguinte definição sobre pensamento e lógica: “... É o ramo da filosofia que cuida das regras do bem pensar, ou de pensar correto, sendo, portanto, um instrumento de pensar.”. O pensamento junto da memória e a lógica só se realizam quando este pensamento procede a fim de chegar a um conhecimento verdadeiro.

Para essa ideia clássica, o principal pensador foi Aristóteles com sua obra *Órganon*. Além de dividir a lógica em material e formal, o pensador disse que ela é fundamentada com dois princípios: da identidade e da não-contradição (ARRUDA ARANHA, 2009, p. 34). Aristóteles ainda supõe uma concepção estática de mundo, tomando partida das essências imutáveis e eternas. Outra passagem também bastante interessante do livro é: “A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória.” (ARRUDA ARANHA, 2009, p. 34).

Vale se associar a Literatura porque os professores costumam utilizar exatamente nos processos de alfabetização e memorização. Isso ocorre devido a facilidade exposta na linguagem e de acordo a temas geralmente ligados ao cotidiano da pessoa, por exemplo, no Nordeste, um ponto muito usado é o da seca (problema que atinge em sua maioria a falange

residente no semi-árido). Aqueles que costumam utilizar o Cordel são docentes de: História, Geografia e Literatura, aproximando os alunos da realidade e cultura local para estes iniciantes e/ou novos leitores.

A literatura de cordel teve início em terras europeias, no séc. XVI quando o “Renascimento” passou a popularizar a impressão dos relatos que eram feitos oralmente pelos trovadores. Porém, foi em Portugal que surgiu com força, obtendo sucesso entre os séculos XVI e XVIII.

O cordel recebe esse nome porque sua representação era realizada através de folhetos pendurados em cordas ou barbantes. Textos em versos ou prosa, representava peças de teatro nos mais variados temas.

O cordel chega ao Brasil através dos portugueses no século XVIII e é no Nordeste brasileiro que o cordel tem presença forte. No entanto essa arte começa a ser divulgada em 1893 com a publicação impressa dos poemas de Leandro Gomes de Barros, embora segundo o jornalista Orígenes Lessa a primeira impressão teria sido realizada na cidade de Recife em 1865. Com isso, por volta nos anos de 1890 o poeta Silvino Pirauá de Lima começa a publicar inovando a estrutura do cordel através da sextilha (estrofes de seis versos com sete sílabas), mas o grande representante dessa arte foi o poeta Leandro Gomes de Barros, publicando centenas de folhetos.

Xilogravura: é uma técnica antiga usada para entalhar um desenho em madeira. Sendo muito popular na região Nordeste, usada frequentemente para ilustração dos textos da literatura de cordel.

Como exemplo da cultura brasileira e nordestina a literatura de cordel que chegou ao Brasil no século XVIII, através dos portugueses ainda como poesia oral durante o início da colonização aos poucos ela começou a se tornar popular. Instalou-se no nordeste brasileiro, através dos colonizadores lusos, em “*folhas soltas*” ou “*manuscritos*“. Só mais tarde, com o aparecimento das pequenas tipografias, fins do século passado a literatura de cordel fincou raízes, sobretudo no Nordeste justamente tornando-se futuramente uma literatura bem popular na região. Surgem também os chamados repentistas, que criam as letras na hora, de acordo com o pedido da plateia conforme lhes dão o assunto, os cantadores obedecem e geralmente cantam em dupla, e esses cordéis têm revelado os escândalos sociais e políticos e econômicos que nos últimos anos têm castigado principalmente o povo nordestino. O cordel é uma das peculiaridades da cultura regional.

O CORDEL NO NORDESTE BRASILEIRO

A Herança Cultural

Na época de sua colonização os Sertões nordestinos,- graças ao seu distanciamento dos grandes centros urbanos e ao total abandono dispensado pelos governos, onde o Coronel proprietário de enormes terras ditava as leis e o modo de vida daquela sociedade, - foram o cenário ideal no qual talhou e fez surgir o homem valente e determinado e, porque não dizer, predestinado a uma história de lutas e insurreições. Nele, a figura do valentão é peça primordial e atributo necessário à sua sobrevivência. É comum vermos também, como coadjuvante deste tipo nordestino, o fanático religioso que, relegado a tanta fome, sede e abandono resvalou para a aceitação do seu destino com ser predestinado ao sofrimento. Tudo isso graças aos ensinamentos dos primeiros representantes das igrejas que vieram inculcar na mente do nativo sertanejo a força da vingança da justiça divina.

Apesar da herança forte que o homem sertanejo herdou dos seus antepassados, sejam eles índios, negros ou os brancos de além-mar, foi-lhes também deixados a herança cultural da narrativa poética. Nesse espaço, o homem nordestino absorve do colonizador europeu a poesia e a prosa transformado em discurso em meio às multidões onde ali se estaria narrando, a modo de reportagem, algum feito heroico, alguma novidade espetacular, enfim, alguma informação de interesse público. Embora se saiba que, com frequência, estes discursos poéticos eram quase sempre relatando algum feito heroico ou algo espetacular. No Sertão esta atividade era exercida, na maioria das vezes, pelos cegos cantadores de feira que sempre traziam, não se sabe de onde, as novidades e os feitos de bandos de cangaceiros que empestavam aquela região.

A Chegada do Cordel no Nordeste

O ano de 1830 é considerado historicamente, o ponto de partida da poesia popular nordestina. Tendo como seus primeiros divulgadores os poetas Ugolino de Sabugi e seu irmão Nicandro, filhos do não menos famoso Agostinho Nunes da Costa Teixeira. Estes, os primeiros cantadores da poesia de pé de parede e dos contos que se faziam acompanhar com o repique da viola, da rabeca, do pandeiro ou até mesmo do ganzá.

Contudo, o movimento editorial do cordel teve início em meados de 1893/1900 e seus maiores divulgadores foram: Leandro Gomes de Barros, de Pombal; Silvino Pirauá, de Patos;

Francisco das Chagas Batista, de Teixeira; e João Martins de Ataíde, Ingaense. Nessa época, a literatura de cordel,- que é bom que se acrescente, Poesia, narrativa, popular, impressa – se transformou na coqueluche do nordeste, alcançando quase todos os estados nordestinos em particular e os de todo o país, de certa forma.

Região Nordeste e sua influencia como promoção da arte do cordel através de suas características

Principais características

- Foi no nordeste onde se deu a primeira atividade econômica do país (extração do pau-brasil).
- Salvador como primeira sede do governo-geral do Brasil.
- A área do Nordeste Brasileiro equivale a 18% do território.
- Possui a maior costa litorânea.
- Região com maior número de estados em sua formação.
- Seu relevo é definido entre planaltos, chapadas e algumas depressões.
- Seu clima tradicionalmente tropical apresenta uma média anual entre 20° e 28°, porém subdivididos em diversos climas: equatorial úmido, litorâneo úmido, tropica e semiárido.
- A vegetação nordestina varia entre mata atlântica no litoral e mata dos cocais no meio norte diferenciados por ecossistemas como: manguezais, caatinga, cerrado e restingas além da fauna e flora exuberantes.
- Privilegiado com bastante bacias hidrográficas: Bacia do São Francisco, Bacia do Parnaíba, Bacia do Atlântico Nordeste Oriental, Bacia do Atlântico Nordeste Ocidental e Bacia do Atlântico Leste.

A realidade nordestina influenciou também nos temas abordados pelo cordel. Exemplo, um blog: Cordel De Saia publicou em 13 de abril de 2013 um soneto com essa característica típica do Nordeste.

“ Tudo em volta é só tristeza”

Pra lembrar Gonzagão

Um sol abrasador, sem piedade
Espraia-se por toda a vastidão
E as mandíbulas da calamidade
Deixam bichos e a gente em exaustão

Pobre caatinga, que espera, de balde,
A redentora chuva neste chão,
Pra fazer brotar à saciedade
Sementes que alimentam o sertão.

E, aos poucos, esmaece a esperança,
Em tudo. Sei lá! Até mesmo em Deus
Que tanto tarda em mandar a bonança.

Esses clamores que se fazem meus
São ecos de um serão, antes bucólico,
Mas, hoje, feio melancólico!

José Walter Pires

A Literatura de Cordel como Fonte de Incentivo à Literatura

A literatura de cordel é uma cultura popular. Os versos estão sempre relatando acontecimentos, fatos políticos, artísticos, lendários, folclóricos ou pitorescos da vida como ela realmente é. Sua produção é simples como o povo; não requer tanto “estilismo” ou “formalidades”; sua abrangência alcança todas as classes sociais. Falta o reconhecimento e a valorização pelos alunos e professores trabalhando com os alunos em sala de aula, estaremos oferecendo um leque de recursos que os ajudarão em várias carências de aprendizagem, como a produção textual, a leitura, a escrita, a linguagem não verbal (na análise da xilogravura), apreciação artístico-literária e um universo para a socialização e cidadania, principalmente, no campo da Literatura.

Um campo de estudo pedagógico onde os professores terão subsídios – didáticos para trabalhar vários tipos de conteúdos, pois estes podem ser adotados aos objetivos que forem traçados. Ao mesmo tempo é uma oportunidade para que este ramo da literatura popular tenha uma chance de aceitação e valorização; fazendo despertar entre as pessoas o gosto pela preservação dos nossos artistas e da cultura nordestina nas escolas. Conhecer uma rica manifestação da nossa literatura (nordestina) caracterização de valores pedagógicos (leitura, escrita e métrica dos versos) na utilização do cordel. Possibilitar o aluno o conhecimento da linguagem cordelista, enfocando a cultura nordestina em prol da valorização das nossas raízes. Promover uma aproximação do aluno com a cultura popular nordestina. Estimular um olhar crítico e simultaneamente poético.

Principais autores

Leandro Gomes de Barros: Foi o mais importante autor da literatura de cordel, ainda é o escritor mais lido entre os escritores populares. Publicou aproximadamente mil folhetos e tirou deles mais de dez mil edições, nascido no município de Pombal, Paraíba no ano de 1865 viveu exclusivamente de escrever seus versos populares. Fazia críticas sobre a política, história, religiosos. Denunciava os abusos dos coronéis. Principais obras: O cavalo que defecava dinheiro; O cachorro dos mortos; História do boi misterioso; e O punhal e a palmatória.

João Martins de Athayde: Nasceu na Paraíba e criado em Pernambuco. Não frequentou a escola, aprendeu a ler e escrever sozinho começou a admirar a poesia popular porque ouvia os cantadores da região, sua primeira rima foi composta aos 12 anos. Comprou os direitos autorais de Leandro Gomes de Barros e editou também os poemas deste grande cordelista. Principais obras: A bela adormecida no bosque; A menina perdida; A moça que foi enterrada viva; e A sorte de uma meretriz.

Cuíca de Santo Amaro: Baiano, gostava de retratar o cotidiano de sua terra natal, era um tipo de cronista e repórter, qualquer fato interessante, Cuíca não deixava "escapar". Gostava de fazer denúncias contra corruptos e poderosos de sua época e era grande amigo de Jorge Amado. Algumas obras: O sururu na federação de desportos terrestres; O câmbio negro e as misérias na Bahia; O casamento de Orlando Dias com Cauby Peixoto.

Músicas de Literatura de Cordel

A musicalidade, rima e linguagem do cordel, permitem que o conteúdo seja assimilado com mais facilidade por seus leitores e contempla uma leitura mais descontraída e simples. Uma das primeiras formas de cordel conhecidas foi a cantoria de viola do grupo de poetas da Serra do Teixeira, no Estado da Paraíba, no final do século XVIII. Eles criaram as sextilhas sete silábicas. O poeta Agostinho Nunes da Costa (1797-1858) foi o primeiro cantador conhecido de tal grupo. Depois do cordel cantado do final do século XVIII, tem-se registro no final do século XIX das primeiras impressões de folhetos de cordel. O precursor foi o poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919) e o primeiro folheto localizado é deste poeta

Minha Princesa Cordel
de Gilberto Gil e Roberta Sá.

“Minha princesa
Quanta beleza
Coube a ti
Minha princesa
Quanta tristeza coube a mim
Na profundeza
O amor cavou
O amor furou
Fundo no chão
No coração do meu sertão
No meu torrão natal
Meu berço natural
Meu ponto cardeal
Meu açúcar, sal
Oh, meu guerreiro
O teu braseiro me queimou
Oh, meu guerreiro
Meu travesseiro é teu amor
Meu cangaceiro
Quem me pegou
Me carregou
Que me plantou no seu quintal
Me devolveu
Minha casa real
Minh’alma original
Meu vaso de cristal
E o meu ponto final
Nossos destinos
Desde meninos dão-se as mãos
Nossos desde pequeninos eram irmãos
E os desatinos
Também tivemos que vivê-los
Bem juntinhos
E os caminhos
Nos trouxeram para esse lugar
Para este lugar
Aqui vamos ficar
Amar, viver, lutar
Até tudo acabar.”

Outras músicas:

"Carcará", de Otto (Autores: João do Valle e José Cândido).

"Xamêgo", de Luiz Gonzaga (Autores: Luiz Gonzaga e Miguel Lima).

CONCLUSÃO

Este trabalho começou com a ideia de demonstrar a real importância e significativa contribuição da literatura de cordel no incentivo à leitura e literatura.

A pesquisa foi baseada em relatos informativos e método bibliográfico para buscar os benefícios oferecidos por essa arte, em arquivos, textos e uma pequena pesquisa de campo numa escola.

REFERÊNCIAS

ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia de; PIRES MARTINS, Maria Helena. A tortura, a memória. In: **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia de; PIRES MARTINS, Maria Helena. Conhecimento, pensamento e lógica. In: **Temas de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1988. p. 56-57.

ASSIS Alves de, Regiane; TENORIO, Martins Carolina; CALLEGARO, Tania. 2012. Literatura de cordel como fonte de informação. (Artigo). Disponível em revista.cbr8.org.br. Acesso em: 30 de outubro de 2014.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 178-179.

cordel desaia.blogspot.com.br. Acesso em: 11 de novembro de 2014.

enciclopedia.itaucultural.org.br. Acesso em: 11 de novembro de 2014

gshow.globo.com. Acesso em: 03 de novembro

Origens da Literatura de Cordel. Disponível em: <http://interpoetica.com/>. Acesso em 11 de novembro de 2014.

SACCONI, Luiz Antônio. **DICIONÁRIO ESSENCIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA**. São Paulo: Atual, 2003.

Surgimento da Literatura de Cordel. Disponível em: <<http://cordelhao.blogspot.com.br/>>. Acesso em 11 de novembro de 2014.

TERSARIOL, Alpheu. 1ª Parte: Sinônimos de verbos. In: **Biblioteca da Língua Portuguesa: Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa**. São Paulo: Empresa(sic.) Editorial Irradiação Ltda, 1966.

Wikipedia.org/ literatura. Acesso em: 06 de novembro de 2014.

www.lendo.org. Acesso em: 11 de novembro de 2014



www.recantodasletras.com.br. Acesso em: 06 de novembro de 2014.

www.scielo.br. Acesso em: 24 de outubro de 2014.